

DESCONSTRUINDO OS ESTEREÓTIPOS DA VELHICE EM *MY  
MAN BOVANNÉ*, DE TONI CADE BAMBARA

*Michela Rosa Di Candia*<sup>1</sup>

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar a maneira pela qual a personagem feminina principal no conto "My Man Bovanne", da escritora afro-americana Toni Cade Bambara, desconstrói os estereótipos e preconceitos atribuídos às mulheres idosas em uma comunidade negra específica. Este trabalho questiona as noções inventadas nas e pelas relações de poder utilizadas como ferramentas de opressão e a construção da sexualidade fixa do idoso.

**Palavras-chave:** Conto afro-americano. Mulher idosa. Estereótipo. Desconstrução.

A escritora afro-americana, Toni Cade Bambara, em sua obra literária valoriza as tradições da comunidade negra como a arte de contar histórias e o uso do "Black English". Para ela, a tradição oral em sua cultura é o meio pelo qual os valores da comunidade são partilhados e sustentados. Os jovens leitores devem ter orgulho da tradição e das pessoas mais velhas, responsáveis pela divulgação do conhecimento e da "verdade" por meio das histórias e fábulas relatadas. O ato de contar histórias, portanto, é uma forma dinâmica de se resgatar o passado.

Uma das preocupações da autora consiste em sua luta contra as injustiças sociais, buscando a destruição das ilusões, dos mitos e a celebração da luta na sociedade capitalista exploradora e sufocante. Em "Commitment: Toni Cade Bambara Speaks", Guy-Sheftall (1979) resgata as palavras de Bambara que afirma a necessidade de destruição dos estereótipos que impedem o desenvolvimento do sujeito e sua conscientização política. Desse modo, a autora desconstrói a visão limitada das oposições binárias: branco/negro; masculino/feminino, questionando os processos e as condições que estabeleceram os pressupostos fixos das polaridades. A proposta desconstrutiva das polaridades é viável apenas com a problematização das partes. Cada pólo não é uno e

idêntico a si mesmo, mas plural e fragmentado e sua existência pressupõe e contém o outro.

Logo, o esforço da escritora está em romper com a oposição entre o masculino e o feminino; o branco e o negro, assim como a unidade interna de cada dicotomia. A diversidade dos pólos em questão precisa ser considerada para que as hierarquias estabelecidas sejam destruídas.

"My Man Bovanne", conto escolhido para análise e inserido na coletânea *Gorilla, My Love*, retrata a comunidade negra no contexto da ficção nacionalista da década de 60. Nesse cenário, a comunidade afro-americana influencia o processo de formação de seus indivíduos que agem de acordo com a tradição estabelecida no interior do grupo. A ênfase em sua prosa literária é determinada por aquilo que fere ou destrói os sujeitos. A rede de cuidado - entre homens e mulheres, mulheres e mulheres, crianças e idosos na maioria de suas narrativas deve permitir o desenvolvimento dos sujeitos, conferindo-lhes dignidade. Nas palavras de Bambara: "the hurt doesn't teach me anything and I'm concerned primarily with usable lessons. The caring does teach me something and I think I can offer a usable something for someone else".

No conto em questão, a escritora reflete sobre os estereótipos e preconceitos associados ao envelhecimento. A autora confronta o posicionamento assumido pela sociedade, que frequentemente discrimina o idoso em função de sua idade. Ele(a) é associado(a) a lentidão, a dependência, a passividade, a fraqueza, a incompetência. A decadência física e a ausência de um papel social contribuem para a representação homogeneizadora dessa parcela da população. Há, portanto, a divulgação de um modelo hegemônico de velhice que desqualifica o idoso, seu saber e suas experiências. Para Bosi (1973), a velhice não é apenas um destino do indivíduo, mas uma categoria social. Desse modo, os idosos representam muito mais do que uma faixa etária, mas uma categoria social estigmatizada por oposição aos jovens. As relações entre os idosos e os demais grupos são estabelecidas por parâmetros fixos e essencialistas, que excluem o "não produtivo" à margem da sociedade. Em um mundo capitalista, as leis de mercado e as leis de consumo propiciam a degradação da velhice.

No conto, a subversão das noções reificadoras do idoso é promovida pela protagonista Hazel Peoples, com sessenta anos, participante ativa do movimento negro em sua comunidade, e mãe de três filhos (Joe Lee, Task e Elo). As experiências positivas dessa personagem contribuem para a reavaliação e transformação dos padrões da velhice determinados pelo patriarcado. Com o avançar da idade, os traços femininos são marcados por outras experiências. Por isso, não há como reproduzir a idéia de que a idade oferece uma identidade fixa, unitária e coerente. A inter-relação de questões de idade, gênero, raça e sexualidade no conto possibilitam a construção de uma imagem positiva do

envelhecimento, contribuindo para a visibilidade do idoso.

No início do conto, a comunidade está reunida em uma festa promovida pelo movimento negro. Primeiramente, o leitor é apresentado à personagem cega Bovanne, um homem conhecido por sua habilidade em trocar fechaduras, consertar eletrodomésticos assim como os "skates" e as bicicletas das crianças. Apesar de sua cegueira, ele era respeitado por ser um sujeito produtivo na comunidade. Ele não possui os estereótipos comumente designados aos idosos e, principalmente, a um deficiente visual. Entretanto, vale lembrar que tal caracterização é dada pela sensibilidade da narradora-personagem Hazel, que tende a descrever as pessoas e classificar as coisas seguindo uma perspectiva bastante otimista. Em nenhum momento, ela busca denegrir a imagem de Bovanne, mas, ao contrário disso, valoriza suas potencialidades e também é capaz de reconhecer suas limitações. A personagem Bovanne é de grande importância no processo de formação e conscientização das crianças que, agora jovens, participam do Movimento de Poder Negro. Se as funções realizadas por Bovanne não são mais prioritárias, essa personagem assume um papel periférico na comunidade ao ser destituída de valor. "Cause he blind and old and don't nobody there need him since they grown up and don't need they skates fixed no more" (BAMBARA 1992, p.9).

A atitude positiva em relação a Bovanne é perceptível no momento em que a protagonista o convida para dançar. O sorriso e a disponibilidade de Bovanne a impulsionam à realização do convite, como observamos no trecho: "And him standin there with a smile ready case someone do speak he want to be ready. So that's how come I pull him on the dance floor and we dance squeezing past the tables and chairs all them coats and people round up in each other face talking bout this [...]" (BAMBARA, 1992, p.4). Como uma mulher de grande influência e poder na comunidade, a protagonista, ao conduzir os passos de Bovanne e mostrar sua preocupação com o próximo, é tida como um exemplo para os jovens ativistas na comunidade. Entretanto, não é dessa forma que a comunidade e, principalmente seus filhos, interpretam seu gesto. A dança sensual do casal é algo que desestabiliza e incomoda seus filhos Joe Lee e Task e sua filha Elo. A sensualidade e o conteúdo erótico possivelmente observado pela comunidade é negado pela personagem. A questão sexual é redimensionada no sentido do amor, do calor humano, da intimidade, do toque, do falar. A dança, como afirma a personagem, envolve vibrações: "And I press up close to dance with Bovanne who blind and I'm hummm and he hummm, chest to chest like talking. Not jammim my breasts into the man. Wasn't bout tits. Was bout vibrations" (BAMBARA, 1992, p.4).

Mas a sintonia da dança é ameaçada pelos olhares de recriminação dirigidos a ambos. Joe Lee, franzindo suas sobrancelhas, é o primeiro a se

aproximar do casal. Em seguida, a filha lança seu olhar característico de reprovação diante da atitude “não política” da mãe. Hazel parece não se incomodar com os burburinhos e olhares discriminatórios e diz: “And I don’t pay her no mind and just look up in Bovanne shadow face and tell him his stomach like a drum and he laugh. Laugh real loud” (BAMBARA, 1992, p.5). A dança, o diálogo, o riso, enfim, a atmosfera agradável e de felicidade não são condizentes com o comportamento atribuído ao idoso. Ao se mostrarem como sujeitos autônomos, não assumem a condição reservada a eles na sociedade. O olhar dos vários observadores tende a classificá-los como velhos e, portanto, não merecedores daquela determinada experiência.

Por fim, Task, seu filho mais novo, a conduz até a cozinha e lá todos reunidos - Task, Elo, Joe Lee e Hazel - iniciam um instigante debate acerca do comportamento indesejável da matriarca. A cozinha é o local apropriado para esse procedimento, pois, conforme Chevalier e Gheerbrant (1996), a cozinha promove transmutações, transformações psíquicas, criando um momento de evolução interior, progressiva ou regressiva, espiritualizadora ou materializadora. O diálogo entre eles é um bom exemplo do processo desencadeado:

“Look here Mama”, say Task, the gentle one. [...] You were making a spectacle of yourself out there dancing like that.”

“Dancing like what?” [...]

“Like a bitch in heat, say Elo” [...]” (BAMBARA, 1992, p.5)

As palavras de baixo calão de Elo, ao ofender sua mãe, comparando sua atitude à de uma puta, não representam apenas a opinião dos filhos. Parece-nos que há um consenso no interior da comunidade sobre a atitude subversiva de uma senhora, mãe de família. A expressão feminina aprisionada em arranjos tradicionais e conservadores não permite a manifestação dos desejos mais íntimos. Entretanto, ao optar pelo silenciamento frente às questões suscitadas, Hazel não está participando do processo de sua opressão, pois sua opinião é apresentada por meio do fluxo de sua consciência:

I don’t answer cause I’ll cry terrible thing when your children talk to you like that. Pulling me out the party and hustling me into some stranger’s kitchen in the back of a bar just like the damn police. And ain’t like I’m old old. I can still wear me some sleeveless dresses without the meat hangin off my arm. And I keep up with some thangs through my kids. Who ain’t kids no more. To hear them tell it. So, I don’t say nuthin. (BAMBARA, 1992, p.5-6)

O fato de sua voz não se tornar audível não implica sua submissão. Pelo

contrário, ela considera a ação de seus filhos invasiva, comparando-a com o poder controlador e disciplinador da polícia. Ela reflete sobre sua idade e vestimenta e conclui que, mesmo que fosse mais velha, poderia se vestir e agir de acordo com suas próprias escolhas. A idade cronológica não é um marcador importante para a personagem, pois ela em nenhum momento se sente velha. Logo, o que é considerado “idoso” é revestido de características individuais e, por isso, não pode seguir uma única visão.

A atitude repressiva de seus filhos é agravada quando eles falam por si e pela mãe. Eles a tratam como se ela precisasse de proteção e não pudesse falar ou responder por seus próprios atos, como observamos nas seguintes palavras: “You embarass yourself and us too dancin like that” (BAMBARA, 1992, p.6). Ao silenciarem a voz materna, eles pretendem inculcar aquilo que julgam como correto e expressam o desejo de dominação. A suposta verdade é estabelecida conforme os princípios morais de seus filhos. Mas Hazel rompe com seu silêncio e diz não se sentir envergonhada. Surpresos, os filhos mudam o direcionamento da conversa e comentam que o comprimento do vestido usado por ela não é apropriado para uma mulher de sua idade.

Naquela noite, Hazel seria nomeada a responsável pela organização do conselho dos idosos e seus filhos parecem ávidos em conduzir os passos da mãe, partindo do princípio de que ela concordaria com tal atividade. Eles perpetuam a idéia de não autonomia do sujeito idoso, aquele que necessita de amparo e tem sua voz silenciada por aqueles que pretendem ajudá-lo. Em um outro momento da narrativa, a delimitação dos passos de Hazel por seus filhos é configurada quando eles lhe comunicam sobre a importância de conversar com o Reverendo sobre a possibilidade de doação do porão para a sede da campanha: “You were suppose to be talking with him tonight, Mama, about giving us his basement for campaign headquarters...” (BAMBARA, 1992, p.8).

É interessante notar que, nos exemplos mencionados, a velhice atribuída à personagem é construída de modo dúbio, pois, ora ela é vista de forma estigmatizada em decorrência de sua idade cronológica, ora sua idade lhe permite visibilidade diante da comunidade. Ao se responsabilizar pela congregação de pessoas idosas, ela contribuiria para a criação de novos espaços para a ação desse grupo, configurando assim qualidade de vida a essa parcela da população.

No entanto, como ela teria credibilidade e respeitabilidade diante da comunidade se o seu comportamento é tido como não usual e sua vestimenta extravagante ou excêntrica? A reprodução dos valores de uma sociedade massificante é ratificada a partir da valorização da aparência e da superficialidade das atitudes. As pessoas são transformadas em mercadoria ao se despojarem de seus próprios valores para a manutenção da “ordem”. Nesse sentido, a autenticidade do sujeito está relegada às margens da comunidade. Ao

se mostrarem como diferentes ou ao se contraporem às noções das instituições, tais sujeitos são discriminados, eliminados. Não há espaço para a diferença como percebemos na fala agressiva de Elo: “And you going to be standing there with your boobs out that wig on your head that hem up to your ass. And people’ll say, [...] Ain’t that the horny bitch that was grindin with the blind dude?” (BAMBARA, 1992, p.6-7). A descrição cruel de Elo denigre completamente a imagem de uma senhora distinta, pois uma mulher de boa índole não optaria por tais escolhas.

O controle voraz de seus filhos, a vigilância permanente, os comentários exagerados culminam com a discussão sobre a questão da bebida, de sua dança sensual e, principalmente, de sua idade. Tudo lhe é interditado como observamos:

And then there’s the drinkin. Mama, you know you can’t drink cause next thing you know you be laughin loud and carryin on.” and he grab another finger for the loudness. “And then there’s the dancing. You been tattooed on the man for four records strights and slow draggin even on the fast numbers. How do you thing that look for a woman your age?” (BAMBARA, 1992, p.7)

A bebida e suas inevitáveis gargalhadas em decorrência do álcool contribuiriam para sua ridicularização. E a dança? Essa seria um fator agravante para a construção do “espêtáculo” mencionado anteriormente. Ao se referir a Hazel como a uma tatuagem no corpo de Bovanne, mesmo em ritmos acelerados, Elo explicita a idéia de que a proximidade do casal não é desejável. Por fim, a idade é a questão crucial e determinante nessa discussão. Para seus filhos, uma mulher em sua idade não deveria se comportar daquela maneira. Indignada, Hazel o questiona:

“What’s my age?”

“What?”

“I’m axin you all a simple question. You keep talking bout what’s proper for a woman my age. How old am I anyhow? [...] “How old, I say?”

“Sixtee-one or \_ [...] (BAMBARA, 1992, p.7)

A tensão das categorias de gênero e idade no exemplo acima são o produto de relações sociais hierarquizadas e de conflitos de poder entre as distintas gerações. Os idosos são despojados de suas coisas, de seus desejos, de suas lembranças com o comando instituído pela família. Assim, as noções estruturadas pelo patriarcado acerca do envelhecimento ratificam a perda dos papéis sociais

e a impossibilidade da existência de uma vida sexual ativa. Nesse contexto, a construção social de mãe deve negar a agência sexual.

Entretanto, ao expressar descontentamento diante da atitude de seus filhos, Hazel propõe a revisão dos estereótipos associados ao idoso. A não aceitação de seus filhos permite a legitimação de sua identidade apoiada em traços marcadores de gênero e idade. Ao desconsiderar os desejos e sentimentos de sua mãe, Elo parece ter perdido sua sensibilidade e põe em xeque a forte relação estabelecida entre elas.

Which hurt me to my heart. Cause this was the child in our happiness for Mr. People die. And I carried that child strapped to my chest till she was nearly two. We was close is what I’m tryin to tell you. Cause it was more me in the child than the others [...] And how did things get to this, that she can’t put a sure hand on me and say Mama we love you and care about you and you entitled to enjoy yourself cause you a good woman? (BAMBARA, 1992, p.7)

A própria relação familiar a partir desses acontecimentos precisa ser repensada. Os filhos continuam tentando exercer domínio sobre a mãe e a situação extrema é promovida por Task com sua convocação para uma reunião familiar. “What we need is a family conference so we get all this stuff cleared up and laid out on the table. In the meantime I think we better get back into the other room and tend to business.” (BAMBARA, 1992, p.8). A relação hierárquica entre mãe e filhos é redimensionada. Nessa nova concepção, os filhos passam a determinar os padrões a serem seguidos pela mãe. Para que a ordem seja estabelecida, Hazel deve se anular e aceitar de modo pacífico tais intervenções e contribuir para o processo de sua própria opressão. Todos retornam à festa e Hazel, em companhia de Bovanne, continua a receber olhares de recriminação.

No final do conto, a protagonista o leva a uma loja para que ele compre um par de óculos escuros, depois eles seguem para o mercado e, por fim, chegam à casa dela. Ele mostra-se satisfeito em poder descansar seus pés e ser conduzido por ela. A atmosfera de preocupação mútua e de valorização do outro é intensificada.

A protagonista perpetua uma tradição afro-americana com a valorização da sabedoria e experiência das pessoas mais velhas. Essa parcela da população é vista como mantenedora do passado no momento presente e também como força articuladora do futuro. Nesse sentido, Hazel é capaz de ensinar lições valiosas de vida, rompendo com os estereótipos comumente designados às pessoas mais velhas.

DECONSTRUCTING THE STEREOTYPES OF THE ELDERLY PEOPLE IN "MY  
MAN BOVANNÉ", DE TONI CADE BAMBARA.

ABSTRACT

The aim of this paper is to analyze the way in which the female principal character in the short story My man Bovanne, by the African American writer Toni Cade Bambara, deconstructs stereotypes and prejudices attributed to old women in a specific black community. This work also questions the notions "invented" by/in the power relations used as oppressive tools and the construction of the essentialized sexuality of old people.

**Keywords:** African-American short-story. Old woman. Stereotype. Deconstruction.

Nota

<sup>1</sup> Doutoranda em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês.

REFERÊNCIAS

- BAMBARA, Toni Cade (1960). "My Man Bovanne". In: *Gorilla, My Love*. New York: Vintage Books, 1992.
- BOSI, Ecléa (1973). *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 6 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. R.J.: José Olympio, 1996.
- GUY-SHEFTALL, Beverly. Commitment: Toni Cade Bambara Speaks. In: *Sturdy Black Bridges Visions of Black Women in Literature*. New York, 1979. p. 230-231.